

## BREVE ENSAIO EM TORNO À LINGUAGEM

JUAN ADOLFO BONACCINI

DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UFRN/UFRJ

*"Pensamento e Discurso, pois, são a mesma coisa, salvo que é ao diálogo interior e silencioso da alma consigo mesma que chamamos pensamento"*

Platão, *Sofista*, 263e.

*"É então aconteceu a revelação. Marino viu a rosa, tal como Adão pôde vê-la no Paraíso, e sentiu que ela estava na sua eternidade e não em suas palavras, e que podemos mencionar ou fazer alusão, mas não expressar, e que os altos e soberbos volumes que formavam num ângulo da sala uma penumbra de ouro não eram (como a sua vaidade sonhou) um espelho do mundo, mas uma coisa a mais acrescentada ao mundo. Esta iluminação alcançou Marino na véspera da sua morte, e Homero e Dante acaso a alcançaram também".*

Jorge Luis Borges, "Uma Rosa Amarilla", *El Hacedor* (1960)

I - Existe toda uma tradição na forma de pensar e no modo de colocar o que é a linguagem. A pergunta parece ter seguido dois caminhos: considerar que a essência da linguagem é expressão (lógica, matemática ou verbal), ou considerar que sua essência é inatingível. Heidegger parece concordar com esta última via. Contudo, julga que é possível situar ontologicamente a linguagem. O seu ponto de partida consiste em criticar a tradição que considerou a linguagem como mera expressão de emoções, intenções ou pensamentos, tentando mostrar que a linguagem é mais do que isso, e que, por isso mesmo, não é suficiente caracterizá-la desse modo para se chegar à sua essência.

Nosso encaminhamento consiste em pensar o problema da linguagem, na esperança de não ter incorrido nessa tentação milenar de confundir a linguagem com sua expressão, e em procurar oferecer uma dicção clara e sucinta da questão sem pretender exauri-la. O fato de - vez ou outra - apelarmos à autoridade de Heidegger deve-se muito mais à pertinência e profundidade que ele vê na questão que nos ocupa do que à desmedida pretensão de serem as nossas palavras a expressão mais genuína e fiel do tratamento filosófico que Heidegger dá à questão da linguagem. Na verdade colocamos o problema tal como se apresenta para nós de imediato. E recorremos a Heidegger toda vez que podemos tê-lo como nosso aliado, ou fornecendo um exemplo esclarecedor para ilustrar ou melhor fundar o que dizemos aqui da linguagem.

Esta consideração, que parece fugir à essência da linguagem e beirar de antemão a digressão, na realidade, é necessária, porque a argumentação que se irá logo apresentar tentará elucidar - e, na medida do possível, fundar - o problema da aproximação à essência da linguagem *através dos seus aspectos*. Contudo, pode-se perceber em seguida que - desde o começo do discursar e colocar a questão - já tomamos uma posição: a perspectiva que se abriu já supõe um variegado número de tomadas de posição, de assentimentos e de recusas, de perguntas e de respostas. E não poderia ser diferente. Mas seria indesejável não tornar isso explícito. É preciso reconhecer que são privilegiadas certas coisas e que não podemos responsabilizar Heidegger por tudo que dizemos e diremos doravante, sobretudo no sentido de nada presumirmos estar fazendo senão um *ensaio*. Entrementes é preciso salientar um aspecto fundamental do dizer de toda *formulação* de qualquer questão: é (sempre) conceitual. Com isso, corre-se sempre o perigo de reduzir o que se quer formular a uma fórmula conceitual. Mas isso é em certo modo inevitável: o importante é tê-lo presente o tempo todo. O próprio Heidegger reconhece que *isso* "jamais se poderá evitar totalmente ... Porque o modo de representação conceitual se aninha facilmente em todo tipo de experiência humana ..."<sup>1</sup>

**II - A linguagem envolve questões que sempre instigaram as noites e fustigaram o sono de muitos mortais<sup>2</sup>. Em princípio,**

qualquer tentativa de aproximação a ela parece implicar certos problemas. Pois, de antemão, seja qual for a perspectiva, o método, ou o simples modo de encetar a abordagem, deve-se dizer a linguagem pela linguagem - considerando a linguagem única fala de todas as falas e de todos os falares. Pareceria ocorrer, súbito, um círculo inevitável, capaz de nos condenar à tautologia; ou até mesmo à contradição. Ter que dizer a linguagem envolveria dizer o que é o dizer pelo dizer. Isso parece ter feito com que poucos se tenham colocado a questão da essência da linguagem; com que alguns achassem saber tudo a respeito dela, e com que outros sofressem a sua influência sem tê-la presente. Para ser mais franco no dizer: não sabemos nada disso que seja a linguagem. Não mesmo. Não sabemos sequer se o problema deste círculo invalida o acesso à própria linguagem.

Sabemos apenas que, de algum modo, falar é falar a linguagem. "Linguajar a linguagem". Torná-la patente. No linguajar da linguagem acontece a fala, o gesto, a mensagem, o intercâmbio, a língua e o idioma.

O nosso problema consiste então em elucidar o que seja a linguagem. Mas parece como se não pudéssemos dizer o que é a linguagem. Seja porque isso já envolveria o que precisa ser esclarecido, seja porque seria uma trivialidade, ou um fato, esclarecer a linguagem mediante o exemplo de um de seus atos.

Por incrível que possa parecer, nestas alturas, existe mesmo assim um fator que pode auxiliar o naufrago antes de ele sucumbir à ira das tempestades. Em primeiro lugar, nada conclusivo tem sido dito para negar a possibilidade de que o círculo do dizer, que precisa ser dito pelo seu dizer, faça sentido. Em segundo, não é portanto inválido aventar um caminho em direção aonde se encastela a linguagem.

O fato de que a linguagem esteja na base de toda fala, de toda língua e de todo e qualquer dizer (ou modo de dizer) não nos constrange a pensar que a linguagem - substantivo que nos obriga a procurar o seu referente ou a determinação do seu conteúdo através dos seus aspectos? - esteja no mesmo nível lógico ou ontológico que o ato de dizê-la, o qual pronuncia sucessivamente um encadeamento de qualidades, propriedades ou aspectos da linguagem. Há um corte "mental", por assim dizer, entre a idéia que nos fazemos da linguagem, quando a interpelamos em busca

de sua determinação e do seu lugar essencial, e o desdobramento, o efeito desta interpelação, que é geralmente um conceito desdobrado em suas peculiaridades ou uma cadeia de conceitos e/ou intuições que querem explicar o que se passa com a linguagem. Bastaria isto para mostrar que falar e se perguntar a respeito da linguagem não pode significar algo absurdo ou um produto da insensatez. Esta “dificuldade” envolve um mero exemplo de auto-referência: A linguagem diz-se, ela está de algum modo - não sabemos como - implicada em todo dizer. É justo supor que sem ela não pode existir nem fala nem língua, nem se dizer sequer nada. Daí, antes de ser perigoso ou problemático, resulta evidente que tentar pensar a essência da linguagem implica discursar sobre ela e a partir dela. Mas o círculo é aparente; equivale a tanto quanto falar da língua portuguesa em português. Os níveis lógicos de implicação que estão em jogo na auto-referência têm sentidos diversos e não se obstruem reciprocamente. A autoreferência é uma consequência do discurso referencial.

De qualquer forma, esta questão do círculo do dizer tem a ver com a formulação e não nos impede o acesso, mas, muito antes, projeta uma luz sobre o umbral cuja porta de entrada queremos atravessar.

Porventura seria tautológico falar da linguagem, ao ponto de nada adiantar dizer o que pudesse a linguagem ser ou não ser? Se assim fosse, qualquer fala sobre a língua portuguesa articulada em português seria tautológica. Evidenciaria o círculo uma simples metáfora do que realmente acontece? Na verdade, parece não haver nenhuma espécie de círculo ou coisa semelhante. Do mesmo modo que ao falar exercemos a linguagem, sem sermos por isso ela mesma ou tencionarmos o tempo todo pretender exauri-la, ao falar da linguagem não cometemos pecado algum por falar nela e a partir dela. Deus nos livre do contrário! Pois como falar da linguagem sem a pressupor o tempo todo de algum modo?

Se falar da linguagem não é impossível, talvez devamos atentar para uma fronteira muito peculiar que parece ser capaz de franquear-nos seu acesso: quando falamos das coisas nos tornamos presentes o tempo todo na nossa fala. E muitas vezes sequer o notamos. Nessa dimensão em que *a fala se fala*, quase sem sabê-lo, pode porventura encontrar-se uma via de acesso prometedora para a “linguagem”.

III - Existe uma fronteira muito tênue que à primeira vista parece assaz marcada entre quem diz, o que diz, o que é dito, para quem, etc. Ténue porque em algum momento esses elementos confluem numa unidade, num ato único, para que a linguagem aconteça e venha a ser “linguajada”, i.é., realizada. Essa fronteira parece insinuar não apenas uma via de acesso, mas também jogar nova luz sobre o problema. Não sabemos o que é a linguagem, mas sabemos que frequentemente se realiza como fala, como falar, dizer. Sabemos também que a linguagem não se reduz à fala, que esta é apenas um dos seus elementos, que a fala é vista geralmente como o uso expressivo da linguagem. Deste modo, faz-se da linguagem um *instrumento* essencial para a fala. A fala, contudo, é geralmente a mensagem proferida, o que é dito. Sons fonéticos, representados às vezes por grafemas que permitem a escrita da fala. Assim entendida, como língua e instrumento de comunicação, é capaz de ser transcodificada na forma de um idioma determinado. Por isso a linguagem não é a fala: porque ela abarca a fala, a língua ou idioma, a mensagem, o mensageiro que a profere, o tipo de contato que estabelece, o lugar de onde se fala, etc. Dizer isto, entretanto, não deve poupar nosso esforço ao ponto de imaginarmos que agora já sabemos o que é a linguagem; trata-se apenas de um conhecimento negativo: sabemos que a linguagem não é fala ou língua porque não se reduz a elas, porque as abrange e as encerra em si. Elas são resultado de sua expansão. Mas continuamos a não saber o que é a essência da linguagem. A linguagem não se reduz à língua, seja o português, o alemão, o chinês ou qualquer outra língua. A linguagem habita em todas elas. Melhor dizendo: todas as línguas habitam a linguagem e bebem em sua fonte. Pois, qual delas seria, senão, mais ou menos linguagem do que as outras? Recentemente, neste século, alguns filósofos e cientistas têm falado muito acerca da questão da linguagem indiretamente: falaram de “linguagens”, da “linguagem ordinária”, da “linguagem científica”, da “linguagem de tal ou tal ciência”, do “uso da linguagem”, da “semântica da linguagem”, da “filosofia analítica da linguagem”, da “filosofia da linguagem”, e de coisas semelhantes. Mas parece como se todas as tentativas reduzissem a linguagem à língua, i. e., ao idioma (ou à sua estrutura) e aos múltiplos idiomas existentes ou possíveis. Heidegger chama a atenção para esta tentativa de reduzir a linguagem à gramática, a um instrumento de expressão de emoções<sup>3</sup>.

Todos esses casos possuem um fator comum: fazem da linguagem um instrumento que pode ser manipulado de modo análogo ao que experimentamos quando operamos em outros idiomas, seja o francês, o inglês, a informática, a física, a lógica, ou qualquer código do gênero. Até a própria filosofia, que deveria dar conta destas questões de fundo, tem criado o seu jargão e confundido amiúde a essência da linguagem com seu idioma de capital de província.

De modo que não saber o que é a linguagem - qual o lugar da sua essência - não deve causar vergonha nem desânimo, já que ao menos sabemos que ela não é algumas coisas; e que algumas destas coisas são apenas aspectos dela vistos desde enfoques assaz determinados.

Sim, é verdade que dizendo ou tentando dizer o que é a essência da linguagem - em supondo, pelo menos como hipótese, que isto seja possível - devemos lançar mão dela. Podemos pensar que a linguagem, se é a fonte ou o princípio de todo dizer, está implicada em todo falar ou comerciar, mesmo ao falar sobre ela mesma. Mas aí é que se dá a fronteira que acima mencionamos entre a linguagem propriamente dita e a linguagem propriamente dita dizendo-se a si própria. Nem todo dizer fala sobre ela, mas mesmo assim todo dizer a diz; traz e encerra em si mesmo a linguagem. Poderíamos especular que, nisso, *ela se diz*. E, assim, aparecem a vereda e o atalho: Em que consiste este modo de ela se dizer a si mesma, dizendo qualquer coisa, pelo simples fato de dizer? Significa que a linguagem envolve o dizer, o ato de dizer como sendo essencial a ela?

IV - Dizer e falar, contudo, não são nem exprimem sempre a mesma coisa. Ainda assim ambos "versam". E o que é mais interessante: se a linguagem realmente não se reduz ao dizer da fala - se não se esgota nele -; se não é um mero instrumento que se reduz à superfície do dito, obliterando o que diz, donde o diz, a quem o dizer vai dirigido, o que tem em mente aquele que fala, etc.; em suma, se a linguagem é mais do que a fala, então *ela expressa, mas não é expressão*. A expressão é um mero efeito da linguagem. É falando ou dizendo que ela se diz. Mas, então, linguagem é falar ou dizer? Se a fala lhe for essencial, não será a linguagem fala?

Para começar, é bom perguntar se um surdo-mudo pode dizer alguma coisa mesmo sem ser iniciado na língua dos sinais e dos signos ou na leitura dos lábios. Não é difícil nem perigoso demais imaginar que ele poderia fazer movimentos corporais para comuni-

car-se e “dizer” o que quisesse. Donde bastar ver de perto quem diz, ou donde diz o que diz, para ver que há linguagem além das gramáticas, das línguas e dos fonemas articulados na palestra do dia-a-dia. Se há “dizer”, há linguagem; porque o dizer lhe é fundamental, ela está em meio ao dizer e “diz”, e “se diz”. Comunica. O surdo-mudo pode ter mais dificuldade ou demorar mais tempo com sua pantomima, mas nem por isso ele deixa de emitir um dizer que “fala”, e é *também* linguagem. Linguagem não é só palavra: é a língua que é palavra. A linguagem pode ser ou não ser de palavras. Se a linguagem fosse apenas feita de palavras, seria um instrumento; se fosse tal, porém, poderíamos nos utilizar dela ou dispensá-la como qualquer instrumento. No entanto, não podemos abrir mão da linguagem. Pensamos, vivemos e agimos desde a linguagem. Nós nos versamos e conversamos com ela e por ela com tudo e com todos, até conosco mesmos. Mas, como e quando realmente nos tornamos cientes de que a linguagem não é a língua, a qual é apenas um braço no corpo da linguagem? É que às vezes nos comunicamos, como o surdo-mudo do exemplo, e nos entendemos, mesmo em face de línguas diferentes: isso nos faz pensar “noutra língua” fundamental.

Por vezes ocorre que dois homens, mesmo falando línguas diferentes e carregando tradições, usos, costumes e histórias diferentes possam conversar. Na conversa, surge então a dificuldade de intercâmbio. De repente fica difícil compreender o outro. Como se a fala e a língua não fossem suficientes para chegar ao lugar desejado e tencionado pela conversa. Nesse *intermezzo* de diferenças ocorre o meio onde subitamente o ponto de contato acontece, dando-se a compreensão e o comércio dos discursos e das pessoas. Aí se torna possível que os homens percebam na conversa o que não compreendem no outro e o que têm dificuldade de passar para o outro: o perigo da silenciosa incompreensão que suprime o diálogo na conversação. Até que ponto uma conversa permanece conversa, um diálogo permanece diálogo?

*“Mas um perigo ainda maior nos ameaça. É um perigo que nos atinge a ambas e se tornará tanto mais perigoso quanto menos puder ser percebido (...)  
O perigo que nos ameaça provém de uma região inesperada em que deveri-*

*amos até percebê-lo (...) Eu ainda me encontro longe de tê-lo percebido em toda sua envergadura. Mas já o presenti, e justamente nas conversas com o conde Kuki (...) O perigo surgia das próprias conversas pelo mero fato de serem conversas (...) O perigo das nossas conversas se escondia na própria linguagem". ("Aus einem Gespräch von der Sprache", in: op. cit., pp. 88/89).\**

Nesta passagem Heidegger conversa (em alemão) com um professor japonês sobre a pertinência da aplicação dos conceitos da estética européia a fenômenos tão peculiares como a arte e a poesia do Japão. Com isso, ao discutir-se o oriental desde uma língua ocidental, surge o perigo de trair-se o pensamento; como se estivéssemos lidando com coisas tão estranhas e distantes que não permitissem mensurar e compreender sua dimensão. Contudo, a conversa enquanto tal revela o perigo. O perigo só parece poder ser percebido quando se conversa. Mas então a conversa é possível num limiar em que apesar desta distância, deste corte e desta lacuna do dizer, ela impõe um raio de tato, de comércio e compreensão, uma passagem tão recíproca quanto uma estrada ligando duas cidades. Se tudo fosse corte e lacuna, sequer a conversa seria possível; mas no âmbito de clareza e contato que possibilita a conversa, e não isola o dizer, apesar da "zona escura" de distância, aparece a consciência do perigo que se corre: são dois homens que falam de dois lugares distintos, línguas e culturas distintas, que carregam outra tradição, outros usos e sentires.

Contudo a conversa é possível (cf. idem, p. 90). Assim como é possível "conversar" com um surdo-mudo com um simples olhar em seus olhos ou acenar para ele.

Esta linha de fuga onde se dá o entendimento recíproco da diferença, este tênue limite fronteiro entre o dizer e o compreender, entre o dito e o não-dito - tencionado durante todo o tempo da conversa - constitui o lugar em que se presente a linguagem não ser

\* A citação é da tradução inédita de E. Carneiro Leão, com pequenas modificações.



(só) língua. O japonês e o alemão, por exemplo, são duas línguas e duas culturas particularmente diversas entre si. No entanto, o diálogo é possível. Escolhe-se, ou ocorre, simplesmente, uma língua para a conversa. E tudo é pronunciado nela, e por ela condicionado - mas o japonês fala enquanto japonês, desde seu lugar peculiar, e o alemão fala e vê também desde o alemão. Assim se torna patente o perigo da incompreensão e da incompreensibilidade; apenas no momento em que ocorre aquele indeterminado lugar onde a esfera da conversa se dá e o dito flui na paisagem do que nunca é dito, mas sempre tencionado e em tensão com o outro que ouve, e torna-se de repente visível à luz.

Se a linguagem “fala”, mas sem por isso ser ela toda tão-somente fala, talvez este lugar donde a conversa e o núcleo da conversa surgem seja o lugar para pensar a linguagem, e isto sem vê-la tão-só como língua, fala, palavra ou coisa.

A linguagem evidencia então o *contato* (e seu âmbito), que ocorre entre as diferenças. Se for assim, podemos concordar com Heidegger quando parece sugerir que a conversa não é o reino do dito, mas do que se silencia<sup>4</sup>. Parece como se a linguagem surgisse do silêncio e estabelecesse uma ponte com a língua, com a fala, com o olhar, com o gesto. Contudo, a tensão entre o dito e o não-dito não se reduz à conversa. Talvez nela se explicite mais facilmente, porém, também ocorre na escrita e no pensar e nas falas que não são apenas conversas, ainda que num certo sentido tudo isso seja “conversar”. É verdade, por outro lado, que denominar e falar, dizer, é fazer de tudo um algo, um substantivo, um objeto ou uma qualidade qualquer de algo qualquer; é de algum modo negar o que é, representar algo por um símbolo, um fonema, um signo qualquer e *pretender que seja isso*. Desse modo, o dito nunca é o que queria ser dito porque este subjaz sempre à superfície, no fundo do dizer. Ele é sempre interpelado e indicado por metáforas mais ou menos conhecidas. De modo que buscar a essência da linguagem na tênue fronteira que separa a fala, a língua, o que se diz, quem o diz, etc., é como que buscar a essência da linguagem na fronteira entre dito e não-dito. De todo modo, a linguagem insinua algo que *não é dito*; tal como o “dizer” do surdo-mudo, que expressamente não diz fala, língua ou palavra, mas articula de algum modo linguagem: faz com que algo seja “dito” a partir do que não é dito.

Quem diz, o que ele diz e o que ele quer dizer; para quem o diz e

quando o diz, tudo isso ocorre em diversos níveis ao mesmo tempo e requer um lugar para aparecer. Esse lugar é o lugar da linguagem.

Assim, mesmo que a linguagem não possa ser definida - pois *defini-la* significa reduzi-la a uma representação, logo a ela, que de antemão está por trás de toda e qualquer representação lingüística - não é difícil pressentirmos que a linguagem se oculta nesse lugar. Não podemos dizer que ela é o não-dito: ela apenas se insinua como o não-dito do que é dito em todo dizer, como que escamoteada por baixo do próprio dizer, que tenta atualizar sua possibilidade de contato, que tenta "entrar em contato".

O *contato* e a "área de contato" em que toda língua, fala ou dizer podem ser bem-sucedidos parece ser ou albergar a essência da linguagem. Mas é um contato que não o mero tato dos dedos das mãos. Bem antes é um "ver" e "tocar" os contornos e concavidades do dito; ao ponto de perceber, de leve, se há inteligência mútua ou escura e confusa interferência. No que se refere a este aspecto, o que entendemos aqui por "contato" e por "entrar em contato" poderia ser expresso como comunicar (entrar em contato) e comunicação ou comunicado (contato), *mas* preferimos introduzir estes novos termos (não sem seu esclarecimento) a fim de não pactuar compromisso com o lastro histórico das palavras "comunicar" e "comunicação" (ou "comunicado"). Estas últimas palavras corriqueiras ficariam indefesas perante uma alegação de Heidegger segundo a qual pensar a linguagem como expressão de emoções, como instrumento de tradução de desejos e disposições a uma língua pública, é uma representação formal que não atinge nem de longe a essência da linguagem porque esta é mais do que isso. Mesmo que corretos - diria Heidegger -, os estudos lingüísticos e filosóficos passados e atuais têm considerado ininterruptamente a linguagem como língua ou fala, reduzindo-a à gramática, à morfologia, à sintaxe, à semântica, à lógica, etc.<sup>5</sup>

Heidegger oferece um enfoque muito peculiar e rico quando parece manifestar que a palavra que talvez melhor "diga" a essência da linguagem não pode ser um signo, um grafema ou um fonema, mas um *aceno*; ou seja, nenhuma palavra. Pois a essência da linguagem não é nada lingüístico<sup>6</sup>, no sentido de palavras, sinais ou signos. Palavras nomeiam; classificam e encaixam tudo na representação de uma armação conceitual de implicações e relações. Mas é a essência da linguagem, de saída, o que marca a

possibilidade disso tudo. Portanto, deve ser pensada enquanto lógica e ontologicamente primeira. Por isso Heidegger privilegia o *gesto*. Isto, por sua vez, já supõe ter sido considerado que linguagem pode ser mais do que fala ou língua (ou mesmo comércio), posto que ela se apresenta de antemão e por princípio como a condição de todo falar, de todo falar qualquer idioma e de todo *commercium*. O mesmo que permite que tanto o aceno, o gesto, como a fala e o dizer *digam*, parece ser uma essência comum, que seria precisamente a linguagem enquanto fonte de falar, pensar e dizer: a essência da linguagem.

No gesto, diz Heidegger temos “o recolhimento de um trazer”, uma força de reunião que traz à tona, em reunindo, a si mesma e ao trazer de nossa parte que a ela se une. O gesto brota *desde sempre* da reunião que o traz. Nisso, ele diz, ele acena. E nós compreendemos o gesto enquanto gesto e, ao mesmo tempo, aquilo que ele nos confia em seu aceno. Pois os acenos “acenam para nós e para fora de nós”<sup>7</sup>. O que nisso surpreende é a quase perfeita combinação que sugere Heidegger quando compara quase subrepticiamente a essência da linguagem com um gesto. Dizíamos que isto permite negar o alcance da redução tradicional da linguagem à língua (expressão), porque o gesto é também linguagem, e em muitas oportunidades é um dizer mais essencial que a fala de palavras - i. é., “entra em contato” mais rápida e facilmente. Mas talvez seja bom acrescentar que o mais importante é o fato de Heidegger falar de recolhimento, de reunião, para referir-se à essência da linguagem. Heráclito já sugeria - “O raio conduz todas as coisas que são” (Frag. 64); “... o fogo, sobrevindo, há de distinguir e reunir todas as coisas” (Frag. 16) - um poder de reunião que não pode ser determinado, mas que, ao ser bem escutado, evidencia-se como o *Lógos* que tudo põe e dispõe, - “Auscultando não a mim, mas o *Lógos*, é sábio concordar que tudo é um” (Frag. 50)<sup>8</sup>. Heidegger parece inspirar-se nele e insinuar que a linguagem seja precisamente esse poder de reunião do *Lógos*, que não é por nada determinado e tudo determina. A linguagem, assim, é mais que a fala, a língua, o gesto, o discurso, a razão, etc. Mas cada um destes seus elementos, de algum modo, reúne. Parece como se a essência da linguagem acenasse com seus fenômenos para um poder de reunião. Como se esta unificação fosse contração, expansão ou retração de um vácuo tão originário e tão pleno de possibilidades reais quanto o caos. Por isso Heidegger diz:

“a linguagem, fala”<sup>9</sup>. Porque a fala é o resultado da reunião, a fala já é desde sempre a reunião “operada” - permita-se este termo inadequado - pelo poder essencial da linguagem. Isto, se admitirmos que a linguagem é *Lógos*, o poder de reunião que junta e unifica todas as diferenças. Noutro texto<sup>10</sup>, Heidegger diz que o *Lógos* já se encontra no *Léguin*, que significa dizer e falar; *Lógos*, porém, significa - diz ele - tanto “enunciar” (*léguin*) como “o que é enunciado” (*legómenon*).

V - De alguma maneira, fazer contato, entrar em contato, contatar com algo ou alguém supõem a possibilidade do próprio contato. Este último, como o *Lógos* de Heráclito, que é um, e tudo dirige com seu raio, *reíne*. Como o aceno, unifica; traz à tona a reunião do reunido e a distinção do distinto. Exatamente como faz a linguagem quando traz à realidade uma fala, um gesto, ou uma atitude de mensagem, proferimento ou comércio. Escutando-a compreendemos, exprimimos ou acenamos o uno de cada coisa e de tudo, que é um e é múltiplo; a nós mesmos e a outrem.

Se a linguagem é contato, ela é *Lógos*? Ela é razão? Ela é *Lógos*, podemos responder, mas não apenas razão. A razão é um modo de compreender e expressar a linguagem, mas não é a linguagem toda. *Lógos* é mais do que razão. Há algo mais fundo que a razão, que a própria vontade, que parece tornar possível todo falar e dizer de razão ou não-razão, de palavra e de silêncio.

Os filósofos, autores e cientistas consideraram durante séculos ser a linguagem a expressão, como que o “órgão” de *manifestação voluntária* com que os homens externariam seus propósitos, suas idéias, seus desejos, seus atos e conjecturas. Esse ponto foi referido acima, de passagem, no momento em que lançamos mão de breves alusões a Heidegger para melhor elucidar a questão da essência da linguagem. Contudo, precisa ser meditado e explicado. Pois quando a nossa tradição abraçou essa idéia quis dizer que a linguagem nos permite a expressão e a compreensão, logo o comércio com outrem. Ora, poderíamos interrogar-nos a respeito do que é expressão ou compreensão. Poderíamos mesmo procurar ver no comércio humano o como do que expressa e o como do que compreende. A linguagem é compreensão? Sim, sem dúvida, porque prende e liga tanto o *léguin* como o *legómenon* e o toma para si mesma. Mas ela,

enquanto compreensão parece remeter para “algo” que com-preende. O mesmo sucede à expressão. Ex-pressão sugere pressão para fora, externamento, melhor, auto-externamento. Entrementes, o que a expressão exprime também é *léguein e legómenon* (o enunciar e o que é pronunciado). Mas, e então? Seria essa semelhança capaz de produzir a igualdade de expressão e compreensão? Estranhamente, não. Pois muitas vezes compreender não significa necessariamente expressar. Expressar parece requerer a entrada em cena da compreensão. Poderíamos ainda considerar que compreender é de algum modo um certo tipo de ato de expressão. Mas, ainda assim, não poderia a compreensão ser toda a expressão. Podemos exprimir com palavras ou atitudes que compreendemos, por exemplo, quando assentimos mexendo o queixo levemente para baixo; quando realizamos o propósito que se nos encomendou a título de dever e tarefa no trabalho ou na escola, após termos sido exortados para isso.

· Mas expressar que estamos compreendendo não é a mesma coisa que compreender. Donde ser difícil pensar a linguagem sem uma ou sem outra *qualitas*. Se se atenta de perto para a questão, a linguagem *engaja* tanto a compreensão como a expressão, seja ela atitude de olhar ou aceno ou fala de palavras. Mas é justamente por isso que ela não é expressão e compreensão *apenas*: eis o problema.

Toda a tradição parece ter enveredado por essa trilha. Não se pode negar (sem ineficácia) o fato de que a linguagem se evidencia, de algum modo, como expressão. E como compreensão. Mas, nesse caso, “algo” ou “alguém” deve compreender. E expressar.

Expressar impõe um certo tipo de contato entre o que se expressa, ou os que expressam de algum modo, e o destinatário ou acompanhante da expressão - seja o que for ou quem for. O contato então mancomunado, associa, junta; estabelece a ponte que chamamos de comércio. Quando há o contato, por exemplo, entre nós e a paisagem, ou entre seis pessoas que deliberam a respeito de filosofia, temos a compreensão e a expressão; e mesmo quando nada se expressa, o tempo todo se compreende ou se faz outras coisas sem pensar, ou mesmo pensando particularmente nelas.

Do que meditamos há pouco acima, podemos extrair o seguinte, e com certa tranquilidade: a linguagem, que parece ter por lugar a área de contato que tudo reúne, não é ela mesma nem expressão nem compreensão, mas é aquele algo que se exprime (ou não) porque compreende. E assim como reúne, separa, distingue, elucida,

pergunta. Quando se pergunta pela linguagem, entretanto, *parece* que se pergunta pela essência do Homem; já dizia Aristóteles que o homem era *zôon échon lógon*, um ser vivo dotado de *Lógos*. O próprio Aristóteles sustém uma tradição que se estende até o próprio Heidegger, conforme ela o homem é homem enquanto tal, diferente e distinto dos animais, dos vegetais e do resto das coisas, apenas enquanto fala. Ele teria por natureza a linguagem<sup>11</sup>. Heidegger modifica um pouco a questão, e avança muito, quando diz que “a linguagem fala”. Mas, de alguma maneira, ainda considera o homem num ponto mais alto na hierarquia do cosmos, na medida em que ele é falado pela linguagem, i. e., na medida em que a linguagem (nele) fala<sup>12</sup>. Isso faz pensar: será que nessa atribuição incondicional do privilégio da fala ao ser racional não se esconde, na verdade, a redução do homem à linguagem, da linguagem à língua, da língua à fala do dizer, a qual expressaria pensamentos e sentimentos? Será que isso não oculta também a restrição do “pensar que fala” ao homem, excluindo animais e outros seres, dos quais sequer sabemos ou temos como saber se falam, se pensam ou não, e dos quais pelo menos temos a certeza de que às vezes são capazes de possuir linguagem, uma vez que *comerciam* entre si e conosco? Já diziam os antigos que os animais falam: nós é que não podemos entendê-los. Ora, talvez possamos; porém, parece que não poderemos enquanto continuarmos apegados a este velho preconceito.

Esta indagação nos permite perguntar se a essência da linguagem, que tentamos pensar como o contato que reúne e se recolhe ou se expande na reunião, define a essência do Homem. Se a linguagem, enquanto *Lógos*, no sentido acima vinculado, não for propriedade exclusiva do humano, não servirá para nortear o que seja o Homem. Mas, se o *Lógos* for entendido como o discurso do pensar, como o pensar no sentido mais alto e essencial (cf. Epígrafe), parece que deverá definir o essencial da linguagem e do humano. Contudo, o que sucederia se especulássemos sequer por um instante sobre possibilidade de tudo que não é Homem ser de algum modo, como pensara Heráclito, orientado pelo *Lógos*? Deveríamos falar numa linguagem da Realidade? Ou na revelação de alguma verdade capaz de fugir à imediatidade do visível e reunir tudo que é no silêncio constante do invisível à simples visada? Será que poderíamos admitir alguma sorte de linguagem total e universal que fosse a essência de

tudo? E se não pudéssemos sequer imaginar isso, iríamos fazer o quê com nossa linguagem?

Tudo parece indicar que a linguagem é *Lógos*, e que o *Lógos* é o pensar. O pensar que versa, conversa, expõe, reúne, recolhe e guarda. E fala, acena ou diz. Todavia, o que não sabemos é: De que pensar se trata? O que é, como é e a quem pertence essencialmente o pensar? Isto significa: se a linguagem for de alguma maneira, “contato”, que “contato” é este?

Toda a tradição filosófica ocidental pensou a linguagem como expressão do pensar, de modo que o pensar esteve sempre como base da linguagem e do Homem. Dizer que a linguagem é expressão de algo implica afirmar aquilo mesmo que se expressa. Tal afirmação é o que mais causa estranheza. Pensou-se sempre a linguagem como expressão do pensar, sem se perceber que isso equivalia a pensar a linguagem como sendo o próprio pensar.

A questão é: se entrevemos mais ou menos o que seja o Pensar, significa isso sabermos profundamente o que é a linguagem? Ao que parece, de maneira alguma.

#### NOTAS E REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 *Unterwegs zur Sprache*, Pfullingen, Neske, 1965, pp. 115/116. Ver também Wilhelm Anz. “Die Stellung der Sprache bei Heidegger”, in: *Heidegger. Perspektiven zur Deutung seines Werkes*, org. por Otto Poeggeler, Athenaeum, Koenigstein/Ts, 1984. p. 318.
- 2 Prova disso é a preocupação pela sua origem, que foi considerada divina durante muito tempo. Vide Heidegger, op. cit., p. 14.
- 3 Heidegger, op. cit., pp. 14/15.
- 4 Heidegger, op. cit., pp. 93ss/103ss/152ss.
- 5 Sobre a consideração da linguagem como “expressão”, cf. “Die Sprache”, in: op. cit. ibidem, “Aus einem Gespraech von der Sprache”, in: op. cit., p. 129; *Introducción a la Metafísica* (trad. de Emilio Estiú), Buenos Aires. Ed. Nova, 1959 (2. ed.), p. 127.
- 6 *Unterwegs zur Sprache*, p. 114.
- 7 Idem, p. 117.
- 8 A tradução destes três aforismos (16, 64, 50) é de E. Carneiro Leão, Rio, Tempo Brasileiro, 1980.

9 *Unterwegs zur Sprache*, pp. 12-13.

10 *Logos (Heráclito, frag. 50)*, trad. Ernildo Stein, in: *Pré-Socráticos*, col. Os Pensadores, Abril, São Paulo, 1985, (3. ed.), pp. 112/113.

11 *Unterwegs zur Sprache*, p. 11.

12 Idem, pp. 12ss.

---

End. do autor: [juan@cchla.ufrn.br](mailto:juan@cchla.ufrn.br)